

Ulysses não terá apoio moderado. É definitivo

RITAMARIA PEREIRA

O grupo moderado não pretende mesmo abrir sequer a oportunidade de diálogo com o candidato oficial do PMDB à Presidência da República, Ulysses Guimarães. E verdade que, de 47 parlamentares presentes ao último encontro do grupo, três deles chegaram a tomar a iniciativa de ponderar que, se obtivessem uma retratação pública do candidato a vice, Waldir Pires, poderiam pensar na reaproximação. Mas seus colegas quase arrepiaram de ódio quando o tema veio à tona. Definitivamente rejeitam Ulysses Guimarães.

O último encontro dos moderados serviu para acertar detalhes também da visita que farão na próxima quarta-feira, às 11h, ao presidente José Sarney. E que há cerca de dez dias, souberam que o Presidente sentia-se abandonado e, mesmo decidido a não se envolver na questão sucessória, gostaria de manter intacto o relacionamento de amizade com os parlamentares que estiveram sempre ao seu lado no Congresso.

Embora apontada como visita de cortesia, o encontro no Palácio da Alvorada poderá servir para que o Presidente faça um apelo quase patético aos moderados: para que voltem a se aglutinar em torno da liderança do Governo, como faziam no tempo em que o cargo era ocupado pelo atual ministro Carlos Sant'Anna. E que a nomeação de Luiz Roberto Ponte, praticamente um estranho no ninho dos moderados, serviu apenas de elemento desarticulador.

Na primeira chance, os moderados decidiram não mais realizar os

encontros do grupo, sempre às quartas-feiras, na liderança do Governo, o que acontece agora em jantares informais, na casa de um deles. E a pouca habilidade de Luiz Roberto Ponte nessa ala peemedebista ainda não o despertou, por exemplo, para oferecer-se como anfitrião. O primeiro foi Délio Braz, o segundo Carlos Sant'Anna e, na próxima semana, será a vez do senador Meira Filho.

O grupo tem a decisão enraizada de permanecer unido, apesar da campanha eleitoral. Mesmo os que "colloriram", como é o caso de José Freire, do Tocantins, continuam integrando e participando das reuniões. Isso vale para adeptos de outras candidaturas, como Maguito Vilela, de Goiás, que está com Mário Covas. Os moderados só não querem saber mesmo é de Ulysses Guimarães. Há, também, gente de outros partidos, como Basílio Vilani, que foi para o PTB sem deixar o grupo.

Cada vez que alguém sugere, como foi o caso do deputado Luis Söyer, que deveriam se integrar à campanha do PMDB, a reação é de tal ordem que muitos esquecem até as boas maneiras na hora de divergir. Isso voltou a acontecer há alguns dias, inibindo a postura de mais um ou dois dos 47 moderados que compareceram no último encontro.

O senador Humberto Lucena já procurou o líder do Governo no Senado, Saldanha Derzi, e alguns dos ministros de Estado para, em nome do candidato do PMDB, sugerir um encontro capaz de iniciar a reconciliação partidária. A expressiva maio-

ria mandou dizer que não deseja isso, preferindo manter-se fora da campanha do PMDB. Eles acham que só são procurados porque o nome de Ulysses enfrenta ampla rejeição do eleitorado e poderá melhorar com os dois milhões de votos que os moderados detêm juntos.

Todas as tentativas de moderados em torno desse assunto são mal recebidas. O grupo prefere manter-se unido com o objetivo de assegurar a sobrevivência política e porque tem esperança, ainda, de uma reversão no quadro atual, que favorece amplamente a Fernando Collor.

Alguns deputados tentaram, na última reunião, negar a realidade apontada nas pesquisas, achando que Collor nem sempre entusiasma, como garante que acontece no interior de suas bases o deputado Manuel Viana, do Ceará. Mas essa colocação tem sido vista com desconfiança pelo grupo moderado, convencido de que, se a eleição fosse logo ou nos próximos 45 dias, o candidato do PRN nem iria para o segundo turno.

Por isso, os moderados batem na tecla da unidade achando que só assim teriam chances de, após a eleição presidencial, negociar com o candidato eleito uma base de sustentação parlamentar no Congresso. Em contrapartida, o grupo não deixa sequer prosperar a ideia daqueles que gostariam de atuar, a partir de agora, como bloco parlamentar. E que, para eles, ainda é cedo para definições, levando em conta que estamos a pouco menos de cinco meses das eleições.

AFF



Brizola chega a Paris e é recebido pelo embaixador brasileiro